

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e **O POVO** se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

Hugo, Azevedo e a justiça fiscal

Júlio Celestino
juliocelestino@gmail.com

“Caríssimos irmãos, meus bons amigos: na França, há um milhão, trezentas e vinte mil casas de camponeses que só têm três aberturas; um milhão, oitocentas e dezessete mil que têm duas aberturas, uma porta e uma janela; e, finalmente, trezentas e quarenta e seis mil cabanas, cuja única abertura é a porta. E isso por causa do denominado imposto de portas e janelas!”. Assim Victor Hugo expôs as feridas sociais do século XIX em “Os Miseráveis” (1862). O imposto de portas e janelas simbolizava o peso de uma política fiscal que sacrificava os pobres para sustentar um Estado negligente. Para evitar pagar mais, famílias se fechavam em casas escuras, sacrificando sua saúde e dignidade. O Estado, ao tributar a luz, negava ar, sol e esperança. Vinte e oito anos depois, no Brasil, Aluísio Azevedo publicava “O Cortiço”, retratando uma desigualdade igualmente cruel. O

cortiço, mais que um amontoado de quartos, simbolizava uma sociedade doente, degradada física e moralmente. Ali, as janelas também eram mínimas ou inexistentes. Enquanto Hugo denuncia o imposto que escurcia os lares franceses, Azevedo aponta para a ganância de João Romão e a convivência social. No Brasil de 2025, a desoneração do imposto de renda para quem recebe até 5 mil reais reflete um ideal humanitário defendido por ambos: aliviar o peso sobre os que menos têm. Ao reduzir ou isentar o imposto de renda dos mais pobres, o governo busca ampliar o acesso a condições básicas, permitindo “abrir janelas” para os que vivem sufocados. Ao mesmo tempo, a proposta de taxar os super-ricos corrige distorções históricas, transferindo recursos de um capital rentista improdutivo para quem trabalha e quase nada possui. Os ideais sociais e literários de Hugo e Azevedo permanecem vivos até hoje, a inspirar justiça fiscal e social.

Tomar a poesia de assalto

Caetano dos Santos
caetanodub@gmail.com

Acabou-se o tempo em que a poesia era privilégio da classe média! Aqui está a periferia que escreve. Nosso palco? O chão da praça. Nosso público? Quem quiser escutar. Amontoados nos barracos, não à beira do cais, mas à beira do caos — entre tiros, perigos e muralhas — sonhamos com pontes que nos farão alcançar as estrelas, para além das velas apertadas. Nos rotularam como marginais. Agora, tomamos posse do rótulo e vamos tomar à mão armada de vocês as palavras, os livros e os recitais. Fiquem com as bibliotecas — são lugares de silêncio. Nós somos barulho! Nôis é muita treta, não nos enquadraremos nas suas normas cultas. Escrevemos como falamos, sem dicionário — e mesmo assim, nosso vocabulário é rico. “Ah, pode crer, boto fé, tô interado Vai dar bom, tô ligado, tu é doido Tá roxada, vét, se for sal, vai ser sal E se for pedo? Aí dentro! Ô os papo...”

Quantas faculdades de Letras os playboys vão precisar pra entender o Emiciomar? Nosso construtivismo? A força das ideias capazes de parir um novo mundo do ventre da sociedade em decomposição. Aqui está a verdadeira poesia-práxis. Poeta, fale da beleza, mas ela não existe, enquanto irmãos forem aliciados ou mortos por uma arma. Para ser plena, a poesia precisa de luta! Aqui, sem brisa e blá-blá-blá, ela é tecnologia de sobrevivência. Reconstituindo noções coletivas: que em toda praça de todo bairro nasça saraus, slams e batalhas de rimas. Poetas das velas, ergam os punhos! Salve Lima Barreto, preto maloqueiro! Solano Trindade negro drama, entre esperanças e coragem, salve Carolina Maria de Jesus, Ferréz, Sérgio Vaz. Salve Livro Livre Curió, Pôr dos livros, Periferia que Lê, Coletivo Favelart, Rep Nazarea e todos os maloqueiros que fazem da palavra trincheira. A partir de agora, a poesia é nosso território e a defenderemos como nosso estandarte na linha de combate.

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

Leitura viva

João Teles
Professor

A leitura é um abrir-se de cortinas, é uma luz, no palco da vida. Sem leitura o menino ou homem feito, pouco ou nada saberá. Sem ela a menina ou mulher, não conhecerá tantos outros mundos refulgentes, à sua disposição. A leitura vem sempre acompanhada de magia, encanto, paisagens e muitas viagens. Daí não se conceber que uma cidade - Fortaleza ou outra qualquer - viva sem bibliotecas ou outros lugares, para leituras sedutoras e benfazejas. Os livros são grandes amigos daqueles que trazem pra nossa vida, muito do que se chama por aí de felicidade. Quando se tem uma comunidade sem livros e leitura, tem-se a certeza de que os estudos continuarão mamembes e irresolutos. O grande educador pernambucano Paulo Freire fala (em sua obra) de “leitura de mundo”. Essa compreensão ampla do entorno da vida, ninguém tem sem muita leitura. Espero que Fortaleza - que deveria puxar o carro das mudanças nesses temas - possa mudar o curso da História e ampliar seu espaço diminuído de leitura. As crianças precisam, os professores pedem, a vida exige. Em cidades do interior, lamentavelmente, a situação (também), não é nada boa; ações simples, como um cineclube ou uma pinacoteca, nunca existem; uma cordelteca, outro equipamento barato, nada. Por que tem que ser assim? Não sei. Falta vontade política, falta gosto pela causa da Educação e da Cultura. Muita gente, como eu, até gostaria de ajudar, contribuir, adjutorar. Mas falta, do poder público, mais empenho, com relação a essas causas; vive-se muito de política... somente. Lamentável!



Os livros são grandes amigos daqueles que trazem pra nossa vida, muito do que se chama por aí de felicidade.



A pressa em esquecer Juliana Marins

Cairo Silva
Ex-Correspondente **O POVO**

Notícias falsas, contradições e excesso de exposição. Tudo isso em meio ao luto profundo de familiares e amigos que perderam Juliana Marins em uma tragédia. A repercussão do caso, amplamente comentado nas redes sociais, despertou manifestações de empatia, mas, como tantas vezes ocorre, essa solidariedade parece ter prazo de validade. Com o passar dos dias, a comoção deu lugar a julgamentos, opiniões vazias e até desprezo. Comentários como “só eu que não aguento mais esse caso?” ou “esse assunto já deu” escancaram a seletividade da empatia digital. Enquanto a família enfrentava uma longa espera para trazer Juliana de volta ao Brasil, tudo o que desejava era viver seu luto com respeito e dignidade. Mas as redes sociais

seguem outra lógica: a do algoritmo, que exige novidade constante e transforma até a dor alheia em conteúdo. Quando um tema é repetido, dizem que perde o “valor”, mas quem define esse valor? O luto não tem prazo nem roteiro. Precisa ser vivido com tempo e acolhimento. Tragédias não devem ser consumidas como forma de entretenimento. Que a memória de Juliana e a dor de quem a amava não sejam reduzidas a mais um “caso” na *timeline*. Como se não bastasse, surtem tentativas de culpar Juliana por sua própria morte, revelando uma postura desumana. Culpar a vítima é negar sua humanidade. É desconsiderar sua coragem, seu espírito curioso e reduzir uma vida inteira a um instante final. Todos nós assumimos riscos, muitas vezes sem perceber, especialmente, explorando o novo.

(Re)Começar

João Davi de Moraes
Ex-Correspondente **O POVO**

O problema não é falhar. É desistir por medo de tentar de novo. Em um mundo que cobra resultados rápidos e perfeitos, esquecemos que perder é tão comum quanto vencer. Se você tem um sonho, abrace também a possibilidade de não conseguir de primeira. A aversão ao fracasso nos faz perder nossas maiores oportunidades. Paramos antes de tentar, duvidamos antes de começar, desistimos antes de descobrir o que somos capazes de realizar. É preciso lembrar que falhar não é o fim, mas parte do processo de quem escolhe crescer por meio de seus erros. Não deixe que o medo de algo dar errado te impeça de alcançar o que você deseja. Tente de novo. E de novo. Mesmo quando parecer difícil. Porque, no fim, a coragem de continuar é o que transforma sonhos em vida real. E é aí que as oportunidades aparecem para quem escolhe continuar tentando.

Educação e sociedade

Laura Maria da Silva Araújo
Estudante e escritora

É recorrente o questionamento sobre o real papel da educação dentro do nosso sistema social. Na era regida pela Internet e com foco em IAs, a tendência é deixar de lado as transformações sociais e de realidades que o ensino proporciona, por conta da cultura imediatista que vêm se instalando com o uso incorreto das redes. Não é surpresa que o Brasil ocupa um dos lugares mais baixos do ranking mundial de desempenho educacional. A falta de incentivos na qualidade de formação dos professores e investimentos em alunos é algo normalizado no nosso país. Ademais as desigualdades acentuadas, a taxa de abandono e evasão escolar crescem diariamente, com a capacitação sendo substituída pelo trabalho, complementando a vida financeira, sem complementar a visão de um futuro melhor dentro das famílias de baixa renda.